

Educação e civismo

movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)

*Adalson de Oliveira Nascimento**

O artigo apresenta um estudo sobre a trajetória do movimento escoteiro em Minas Gerais, durante a gestão do presidente do estado Antônio Carlos Andrada (1926-1930), quando se implementou uma reforma da instrução pública. Pesquisei o apoio estatal ao movimento educacional criado pelo militar inglês Baden-Powell, num contexto de valorização do nacionalismo, do civismo e de militarização infantil e juvenil.

ESCOTISMO; HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO; MINAS GERAIS; REFORMA DE ENSINO; ANTÔNIO CARLOS ANDRADA.

The article describes the scouting developed in Minas Gerais, during the Antônio Carlos Andrada governor years (1926-1930), when a reformulation was carried out in the public education. I have researched the assistance of state to the education movement created originally by the British military Baden-Powell, in a context that reenforce nationalism, civilianship and militarization of children and teenagers.

SCOUTING; HISTORY OF EDUCATION; MINAS GERAIS; TEACHING REFORM; ANTÔNIO CARLOS ANDRADA.

* Mestre em história pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bacharel e licenciado em história pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

Neste artigo¹, estudo as formas pelas quais o governo de Minas Gerais, durante a gestão do presidente Antônio Carlos Andrada (1926-1930), contribuiu para a consolidação do movimento escoteiro no estado a partir da reforma educacional proposta por Francisco Campos, então secretário do Interior responsável pela pasta da educação².

Esta reforma educacional ficou conhecida por trazer ao ensino primário novas práticas pedagógicas baseadas nos preceitos da chamada Escola Nova. Várias inovações pedagógicas foram discutidas e introduzidas nos grupos escolares, dentre elas foram criados grupos escoteiros vinculados aos grupos escolares e o Estado passou a incentivar o escotismo através da formação de chefes escoteiros, do apoio financeiro e da propaganda sobre suas “vantagens”.

O escotismo, das primeiras décadas do século XX, tem sido pouco estudado pela historiografia brasileira. As pesquisas já realizadas são recentes e abordaram a trajetória do movimento em São Paulo. É o caso do trabalho de Rosa Fátima Souza, intitulado *A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira* e de Judith Zuquim e Roney Cytrynowicz, *Notas para uma história do escotismo no Brasil: a “psicologia escoteira” e a teoria do caráter como pedagogia de civismo*.

O escotismo, movimento educacional de caráter militar e cívico-patriótico, foi criado pelo general inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, em 1907. Rapidamente se expandiu por todo o mundo. No Brasil, o movimento se tornou bastante expressivo nas décadas de 1910 e 1920. Ele foi vinculado ao sistema escolar público, e ficou sob tutela governamental em vários estados brasileiros.

Através do escotismo, durante as décadas de 1910 e 1920, diversos grupos políticos, preocupados com a valorização do sentimento nacional entre a juventude, doutrinaram crianças e jovens. Neste sentido, o estudo

1 Sou grato aos professores Rodrigo Patto e Luciano Mendes que, através de sugestões e da leitura do texto, muito contribuíram para elaboração deste trabalho.

2 O artigo apresenta parte de minha pesquisa desenvolvida durante o curso de bacharelado em história do Departamento de História da UFMG. A pesquisa, já concluída, resultou na monografia intitulada *Sempre alerta! O movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)*.

do movimento pode revelar importantes aspectos da cultura política e educacional daquele momento.

Para compreendermos o sucesso da doutrina escoteira e o incentivo de sua aplicação nos grupos escolares mineiros, é necessário conhecer seus pressupostos e o contexto de seu surgimento.

Surgimento do escotismo

Os anos finais do século XIX foram marcados por uma grande insegurança social acarretada pelas transformações porque passava o continente europeu, além de uma forte depressão econômica e moral. Nesse momento de crise, surgiu um tipo de nacionalismo específico, desenvolvido por ideólogos e políticos de direita. Esses grupos voltaram o discurso nacionalista contra estrangeiros, liberais e socialistas e propunham uma expansão agressiva de seus próprios Estados, sendo esta a principal característica de tais movimentos. A difusão e a aceitação desta ideologia política de valorização do aspecto nacional foi, para Hobsbawm (1988, p. 206), uma resposta à crise pelo qual passava o Velho Mundo.

O escotismo foi criado em 1907 pelo general inglês Baden-Powell³. Nascido em 1857, Baden-Powell ingressou no exército britânico em 1876, onde fez carreira. Foi autor de vários livros nos quais discorre sobre técnicas militares de avanço em terreno inimigo, dentre eles, *Reconnaissance and scouting*⁴, lançado em 1884 e *Aids to scouting for*

3 Informações sobre a biografia de Baden-Powell podem ser encontradas no livro *250 milhões de escoteiros*, de Laszlo Nagy.

4 A palavra *scout*, em inglês, significa explorador, batedor ou espião militar, ou, ainda, sentinela avançada, vedeta. Pode ser empregada também com o sentido dos verbos explorar, reconhecer, descobrir. O movimento escoteiro foi criado sob o nome de *Boys Scout* em 1907 e, ao que tudo indica, até 1914, não havia tradução direta para o termo no Brasil. Mario Cardim, ativo militante do movimento escoteiro paulista na década de 1910 teria sido o criador, em janeiro de 1914, dos termos “escotismo” e “escoteiro”. Até início da década de 1930, no Brasil, além de “escotismo”, era comum o emprego do termo “escoteirismo” ou “scoutismo”.

non-commissioned officer and men, de 1900. Baden-Powell “sugeriu a formação de pequenos grupos de treinamento, possibilitando-os desenvolver suas próprias dinâmicas. Introduziu a idéia de jogos – na maioria deles, idealizados por ele mesmo – como método educacional” (Nagy, 1987, p. 42). Mais tarde, esses livros foram referência para o treinamento e a dinâmica do movimento escoteiro.

A partir de sua vivência no exército e preocupado com a formação da juventude inglesa foi que Baden-Powell elaborou um “plano para formação de rapazes, que seguia de perto o programa dos exploradores militares” (Baden-Powell, 1986a, p. 51). Foi naquele contexto, marcado pelo discurso nacionalista da direita política que via no fortalecimento da nação uma solução para crise pela qual passavam os países europeus, que surgiram as organizações paramilitares destinadas ao treinamento da juventude, que deveria estar preparada para defender a nação. Estas organizações utilizavam-se, na maioria das vezes, da ginástica e dos esportes para treinar a juventude para ser “mais viril, mais apta a suportar a vida militar, mais preparada para enfrentar um longo conflito sem perder a coragem” (Weber, 1988, p. 259).

Em agosto de 1907, Baden-Powell, juntamente com cerca de vinte rapazes, fez um acampamento na Ilha de Bronwnsea, na Baía de Poole; ali eles colocaram em prática a proposta de educação do militar inglês. O sucesso alcançado naquele primeiro acampamento foi seguido do lançamento de seis fascículos intitulados *Scouting for boys*, em 1908. Esses fascículos continham todas as prerrogativas do movimento que estava sendo criado e foram também publicados posteriormente em forma de livro.

Vários eram os objetivos, mas, basicamente, Baden-Powell queria formar uma juventude desenvolvida, física e moralmente, que, com suas virtudes, pudesse contribuir para o desenvolvimento da nação inglesa. Ao se referir à finalidade do movimento, ele diz:

[...] procurar melhorar o padrão dos futuros cidadãos, especialmente seu caráter e sua saúde. Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que

os programas escolares não mencionavam. As habilidades manuais, as atividades ao ar livre e o serviço ao próximo estavam na vanguarda desse programa [escoteiro] [Baden-Powell, 1986b, p. 53].

O objetivo do movimento seria alcançado a partir do aprendizado da “arte mateira” (técnicas de sobrevivência na natureza em condições adversas). A partir desta concepção é que Baden-Powell criou o escotismo. Durante os acampamentos, os jovens participavam de jogos e atividades recreativas e ouviam “palestras” sobre questões morais; este momento de conversas e de reflexão era chamado no Brasil de “fogo do conselho”. Outras atividades eram realizadas nas cidades, tais como trabalhos assistenciais e encontros de estudo de temas morais e de técnicas relacionadas à sobrevivência no campo.

Acredito que o movimento teve, no período estudado, forte característica militar. Sua própria origem revela isto, pois sua base foi pensada e gestada para o treinamento de militares; o que ocorreu depois foi uma “adaptação”: a pedagogia se voltou para crianças e jovens.

“O escotismo, enquanto pedagogia de civismo, condensou diversas vertentes de movimentos de intervenção extra-escolar na educação de crianças e jovens desde o século XIX, que enfatizavam a insuficiência da escola na formação de ‘caráter’ e a necessidade de constituição de uma nacionalidade ‘forte’” (Zuquim & Cytrynowicz, 2002, p. 45).

A doutrina badeniana no Brasil

Durante as décadas de 1910 e 1920, importantes políticos e intelectuais brasileiros apoiaram o escotismo. Num período onde a preocupação era “integrar e controlar as massas” e formar uma consciência de nação brasileira, o escotismo era visto como uma solução para a educação das crianças e jovens.

A primeira entidade representativa do escotismo no Brasil foi criada em 1914, a Associação Brasileira de Escoteiros (ABE). Instalada em São Paulo, nela atuavam figuras políticas importantes, militares de alta patente e pessoas de destaque social. Seu primeiro vice-presidente foi

Washington Luiz, que mais tarde ocupou os cargos de prefeito e governador de São Paulo e presidente da República (Blower, 1994)⁵.

Já nos primeiros anos da chegada do escotismo ao Brasil o movimento ganhou força. Em 1917, o decreto federal n. 3.297 considerou de utilidade pública as associações brasileiras de escoteiros com sede no Brasil, comprovando o *status* alcançado pelo movimento.

Acredito que o sucesso do escotismo no Brasil, nas décadas de 1910 e 1920, assim como na Europa, está relacionado a um contexto de crise e de valorização da idéia de nação e de nacionalismo e de surgimento de novas práticas pedagógicas que valorizavam atividades inovadoras na formação moral dos educandos⁶. O Brasil viveu, no início do século XX, uma crise do regime e das idéias liberais. Esta crise está diretamente relacionada ao agravamento da questão social, que passou a representar o grande problema a ser resolvido. Era preciso reforçar o controle sobre as massas e integrá-las politicamente. Nesse sentido germinaram idéias nacionalistas vindas da Europa e reinterpretadas no Brasil. Os grupos de intelectuais e ideólogos brasileiros nacionalistas propunham a criação e difusão de uma nova identidade, uma identidade coletiva.

O movimento escoteiro era visto como uma possibilidade de educação voltada para os interesses nacionalistas naquele momento. Assim como Baden-Powell, os nacionalistas brasileiros acreditavam que o escotismo criaria cidadãos responsáveis, capazes de enfrentar as adversidades, conscientes de seus deveres para com a pátria, além de proporcionar um treinamento pré-militar, importante no caso de eventuais conflitos entre nações.

Em termos pedagógicos, o Brasil vivia, nas décadas de 1910 e 1920, um momento de implementação de novas idéias e métodos. “O escotismo surgiu em uma época em que brincadeiras e jogos adquiriram um novo significado para os educadores. A recreação tornou-se uma ferramenta a

5 Informações factuais sobre o escotismo brasileiro no período de 1910 a 1924 podem ser encontradas no livro de Bernard David Blower, *História do Escotismo Brasileiro (1910-1924)*, os *primórdios do escotismo no Brasil*.

6 Sobre este assunto, ver o trabalho de Judith Zuquim e Roney Cytrynowicz “Festa de escotismo, Programma”, 1917, em Blower (1994, p. 127).

mais na formação do caráter, o que refletia não apenas novos modelos pedagógicos mas também novas atitudes em relação ao brincar e jogar” (Zuquim & Cytrynowicz, 2002, p. 50).

Na década de 1910, surgiram no Brasil diversos movimentos de valorização do civismo e do nacionalismo. Os movimentos mais conhecidos e estudados são a Liga de Defesa Nacional, a Liga Nacionalista de São Paulo, ambos paulistas, a Propaganda Nativista e a Ação Social Nacionalista, com sede no Rio de Janeiro. Dentre esses movimentos, o mais importante foi a Liga de Defesa Nacional. Criada em 1916, a Liga defendia a elevação da consciência cívica através da educação e do serviço militar obrigatório. Estes movimentos tinham a educação como ponto central para a implementação de seus projetos políticos.

O poeta Olavo Bilac, principal fundador da Liga de Defesa Nacional, tinha um grande trânsito entre as elites civis paulistas e se aproveitou disto para promover a idéia da instrução militar como solução para os “problemas nacionais”. As idéias de Bilac criaram a concepção “cidadão-soldado”, que pressupunha que o exército e a educação marcial seriam uma boa saída para o enfrentamento da desorganização e dos conflitos sociais e para a produção de cidadãos aptos a “defenderem” a nação brasileira.

Ao citarmos a Liga de Defesa Nacional, o que mais nos interessa é sua relação com o movimento escoteiro. Se para os adultos a Liga propunha o serviço militar, para as crianças e os jovens ela propunha o escotismo. Um trecho de seu estatuto, citado por Horta (1994, p. 11), expõe alguns dos objetivos: “[...] difundir a instrução militar nas diversas instituições, desenvolver o civismo, o culto do heroísmo, fundar associações de escoteiros, linhas de tiro e batalhões patrióticos [...] difundir nas escolas o amor à justiça e o culto do patriotismo”.

Bilac foi um ardoroso defensor do serviço militar obrigatório e do escotismo. Ele acreditava que o movimento criado por Baden-Powell, assim como o militarismo, teria uma ação educadora benéfica na sociedade brasileira. Para Bilac, a dinâmica do movimento escoteiro estava relacionada às artes marciais e daí o incentivo da Liga à criação de “associações de escoteiros”. O poeta via no escotismo a possibilidade de grandeza da pátria:

No escotismo a ideia de honra define-se: é a honra do indivíduo e a honra do cidadão; o desinteresse e a magnanimidade não são apenas gestos formosos; são acções justas e uteis, – justas para a perfeição humana, e útil para a grandeza da Patria [Blower, 1994, p. 127].

Bilac, juntamente com outro poeta de renome, Coelho Netto, prefaciou o primeiro manual escoteiro lançado no Brasil, em 1916, intitulado *O livro do escoteiro*. Assim como Olavo Bilac, outras figuras de destaque apoiavam o escotismo e dele faziam propaganda.

Em São Paulo, a Associação Brasileira de Escoteiros (ABE) recebeu todo apoio da Liga de Defesa Nacional. A entidade de escoteiros era filiada à Liga, que por sua vez incentivava grupos de escoteiros de outros estados a se filiarem à ABE.

No Rio de Janeiro, surgiram durante as décadas de 1910 e 1920 diversas entidades representativas do movimento escoteiro. Em 1924, as entidades com sede na capital federal se reuniram e fundaram a União dos Escoteiros do Brasil (UEB).

A partir de 1924, a UEB se tornou reconhecidamente a entidade máxima representativa do escotismo brasileiro, posição que ocupa até hoje. O primeiro presidente da UEB foi Afonso Pena Júnior, então Ministro da Justiça. Ele sempre foi ligado ao escotismo e em 1936 publicou o livro *A educação pelo escotismo*.

O escotismo fazia parte do discurso político de diversos segmentos da sociedade, principalmente daqueles que defendiam o nacionalismo como estratégia para construção de uma identidade brasileira. A Igreja católica também atuava de forma marcante no movimento escoteiro⁷. Em 1921 foi criada a Associação de Escoteiros Catholicos do Brazil (AECB), cujos estatutos diziam:

A Associação de Escoteiros Catholicos do Brazil tem por fim desenvolver na juventude, o vigor e a destreza physica, o espirito de iniciativa, a rapidez nas

7 O livreto *Sobre o escotismo*, da coleção Documentos Pontifícios, publicado pela editora Vozes, traz documentos produzidos pelos Papas Bento XV, Pio XI e Pio XII relacionados ao escotismo.

decisões, a coragem, o sentimento da responsabilidade e dignidade pessoal, a honra, e o patriotismo por meio dos métodos criados pelo General Baden-Powell, e sob inteira obediência aos princípios, dogmas e leis da Igreja Catholica⁸.

Além dos “nacionalistas” e da Igreja, o exército também se interessava pela doutrina de Baden-Powell. Prova disso é a grande quantidade de chefes escoteiros militares. O Estado também tinha simpatia pelo movimento. Em 1928, o governo federal, através do decreto n. 5.497, assegura a UEB “o direito de porte e uso de todos os uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e lemas que forem adaptados pelos seus regulamentos, aprovados pelo Governo da República, como é necessário para a realização dos seus fins”. Vale lembrar que o presidente da República, Washington Luiz, que assina o decreto, havia sido vice-presidente da ABE em anos anteriores. Esse decreto também previa o apoio institucional do governo ao escotismo: “O Governo promoverá a adoção da instrução e educação escoteiras nos colégios e institutos de ensino técnico e profissional mantidos pela União”⁹.

Também a Associação Brasileira de Educação, criada em 1924, e que, segundo alguns analistas, teria sido um catalisador do movimento renovador da educação, tinha grande simpatia pela doutrina de Baden-Powell. “O escotismo – fusão exemplar de vida saudável e moralizada – era iniciativa que contava com todo o apoio da Associação Brasileira de Educação” (Carvalho, 1998, p. 180). Prova disto é a presença de teses defensoras do movimento nas “famosas” Conferências Nacionais da Educação.

Podemos concluir que, durante as décadas de 1910 e 1920, o escotismo recebeu o apoio de diversos grupos políticos, inclusive do governo federal, que viam no movimento a possibilidade de educação e dou-

8 *ESTATUTOS E REGIMENTO INTERNO DA ASSOCIAÇÃO DE ESCOTEIROS CATHOLICOS DO BRAZIL*, 1921, p. 3.

9 A partir de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas, o escotismo receberá um apoio ainda maior do governo federal. Legalmente, esse apoio é oficializado com a lei n. 342, de 12 de dezembro de 1936, que “institui o escotismo nas escolas primárias e secundárias do país”.

trinação da juventude de acordo com valores considerados necessários naquele momento. Há diversas afinidades entre as idéias políticas de organização social propostas pelos intelectuais do nacionalismo brasileiro e o movimento escoteiro. Teóricos como Oliveira Viana, Azevedo Amaral e Francisco Campos, ícones intelectuais da corrente nacionalista na primeira metade do século XX, não pensavam de forma idêntica, mas há um conjunto de princípios que os une. Eles concordavam acerca da necessidade de construção de uma identidade coletiva brasileira e suas teorias apresentam uma crítica ao presente com propostas de mudança para a construção desta “identidade” (Fausto, 2001, p. 48). O movimento escoteiro seria uma das “organizações” sociais capazes de auxiliar a promoção dessa mudança necessária, educando crianças e jovens patriotas e integrando-os à vida social e política brasileira.

A idéia de que o movimento escoteiro formaria jovens integrados à pátria, de acordo com o pensamento dos autores citados anteriormente, pode ser percebida em diversos documentos do período. Temas como eugenia, trabalho, integração social e política das massas aparecem com constância nos discursos produzidos pelo movimento e sobre o movimento.

O *Ementario do escoteiro, bosquejo de instrução theorica*, publicado pela ABE em 1920, foi elaborado em forma de perguntas e respostas. Uma delas é a seguinte:

Por que e para que ser escoteiro?

Para se tornar, quando homem, um cidadão útil á Pátria e aos outros homens; preparado para luta da vida; firme na sua vontade e no seu caráter; resolutos na sua iniciativa; cumpridor dos deveres que lhe incumbem ou tiver de assumir; forte, enfim, no corpo e na alma, patriota sem bairrismos, economico sem avareza, generoso sem desperdícios, corajoso sem bravatas, altivo sem soberba e respeitador incondicional dos fracos e dos velhos, das creanças e das mulheres, das flôres, das aves, de todos os animaes e dos direitos próprios e alheios [ABE, 1920, p. 6].

O documento deixa claro que a primeira virtude de um escoteiro é: “se tornar, quando homem, um cidadão útil á Pátria”. O escoteiro também

seria um cumpridor de seus deveres e patriota “sem bairrismos”, o que contribuiria para a criação da tão sonhada “identidade nacional”. Fica claro também a valorização do escotismo enquanto promotor de uma coesão social, o que, na época, era visto como uma necessidade urgente, no intuito de garantir o controle sobre as “massas”. Noutro trecho, ao explicar parte do juramento escoteiro, invoca-se novamente o patriotismo, além da valorização da importância do trabalho para a pátria:

Amar a minha patria e servil-a fielmente na paz e na guerra. Sim! O escoteiro deve ter sobretudo bem vivo o amor de sua patria, desejal-a forte, livre, respeitada e gloriosa. Para assim a poder ver, é mister que pela pratica constante de seus deveres, o escoteiro de hoje possa ser o cidadão de amanhã, obreiro do progresso e amigo da ordem; e, no dia em que a Pátria precisar de defeza, ser o soldado forte e valoroso, que pela Pátria se sacrifique e a defenda com o seu corpo e com a sua alma! Até lá o escoteiro servirá a patria com a sua actividade e o seu trabalho [idem, p. 14].

O *Guia do escoteiro*, um dos manuais escoteiros mais populares da década de 1920, também se refere ao patriotismo:

O escoteiro é patriota. Está sempre prompto para servir ao paiz. Respeita voluntariamente as leis e as autoridades constituidas e esforça-se para que todos as respeitem. Conhece a historia, a organização patria, desde a sua origem.

Prepara-se com interesse para poder cumprir bem os seus deveres de cidadão quando attingir a sua maioridade.

Tem orgulho de ser brasileiro e procura seguir o exemplo dos que se dedicaram e morreram pelo Brasil [Velho Lobo, 1925, p. 18].

Aqui novamente invoca-se a idéia de que o escotismo é uma escola que forma cidadãos patriotas e integrados à sociedade. Um novo elemento é a valorização dos “heróis” brasileiros, aqueles cujo exemplo deve ser seguido.

A associação entre escotismo e eugenia também foi marcante naquele período. O discurso do chefe Antônio Pereira da Silva, proferido em Barbacena e publicado pelo *Diário da Manhã* em 1927, mostra-nos isto:

O escoteirismo, podemos dizer, é o cadinho onde procuramos apurar a nossa raça; é a pedra de toque do futuro cultivo das populações, porque, nesta escola, a mocidade vai beber os princípios salutareis de um triplice carácter: physico, moral e intellectual.

Educar a criança na escola do bom escoteirismo é prepará-la para encarar com serenidade e impavidez a defeza da Patria¹⁰.

A idéia de educação integral também está presente nos discursos acerca do escotismo. A educação integral – educação física, intelectual e moral –, apela para a indissociabilidade entre corpo e espírito e para a necessidade do processo educativo seguir as mesmas leis da natureza (Souza, 2000, p. 107).

Um resumo do discurso de Afonso Pena Júnior durante uma cerimônia no Palácio da Liberdade (sede do governo mineiro), publicado no jornal *Minas Gerais*, aponta para a questão da formação integral através do escotismo: “O escoteirismo não é simples gymnastica não é mero esporte, nem é apenas educação militar. É a preparação do homem integral, pela completa fortaleza physica, civica e moral, de cujo esforço possa a patria esperar confiadamente”¹¹.

Como demonstrei, Baden-Powell acreditava que a vida “rústica” praticada no escotismo propiciaria uma boa formação para os jovens. Ele contrapunha a modernidade das grandes cidades à vida bucólica dos campos. No Brasil, Alberto Torres – um dos precursores do pensamento nacionalista autoritário – influenciado por teóricos da direita européia como Barrès e Maurras, contrapunha campo e cidade com sinais, respectivamente, positivo e negativo (Fausto, 2001, p. 26). Uma das virtudes do escotismo seria possibilitar esta volta ao campo, idéia presente na Europa e na sociedade brasileira e expressa nos discursos acerca do movimento:

E avulta ser o escoteirismo, uma reacção contra o viciado e depauperador espírito das “urbs” que ameaça degenerar a mocidade, enfraquecer-a, aniquilá-la.

10 Associação dos Escoteiros de Barbacena. Diário.

11 “Sete de Setembro”, *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 set. 1927.

Com o escoteirismo, a criança, libertando-se do círculo de influência do espírito urbanista, irá vitalizar-se nos campos, longe do “struggle-for-life” da cidade, garantido-nos dest’arte, uma nova raça, pujante e victoriosa¹².

Portanto, durante as décadas de 1910 e 1920, o movimento escoteiro encontrou grande apoio na sociedade brasileira. Este “sucesso” da doutrina de Baden-Powell no Brasil, ao nosso ver, se explica pela crença no movimento como uma oportunidade de se implementar projetos políticos e concepções pedagógicas vigentes na época, principalmente aqueles de valorização da nação, do patriotismo e da idéia da necessidade de criação de uma identidade nacional.

Escotismo em Minas Gerais

Em Minas Gerais, a partir da segunda metade da década de 1920, surgiram grupos escoteiros organizados nas principais cidades, graças ao apoio do governo estadual. Nesse período foi organizada também a Federação Mineira de Escoteiros (FME), órgão máximo do escotismo mineiro, filiada à UEB e a ela subordinada.

Meu objetivo é demonstrar como o escotismo se desenvolveu e se estruturou em Minas, nos anos de 1926 a 1930, graças à reforma educacional proposta por Francisco Luiz Campos, então secretário do Interior responsável pela área da educação do governo de Antônio Carlos. Essa reforma previa a criação de grupos escoteiros vinculados aos grupos escolares e destinados a difusão do escotismo através da participação dos alunos matriculados nas escolas.

O “apoio” dado ao escotismo mineiro se insere num contexto mais amplo de valorização do movimento ocorrida em todo Brasil. O escotismo era visto como uma escola para formação das crianças e jovens de acordo com princípios ideológicos e pedagógicos vigentes à época.

12 “Escoteirismo”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 8 jan. 1928.

Durante a década de 1910 e início da de 1920, o movimento escoteiro brasileiro esteve concentrado, principalmente, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Há notícias de grupos no resto do país, mas no Rio e em São Paulo eles existiam em maior número e contavam com entidades representativas. Em Minas Gerais encontramos diversas notícias sobre o escotismo no período anterior a 1926. As informações revelam a existência de poucos grupos e a falta de articulação do escotismo mineiro.

Foi no governo de Fernando Melo Viana (1922-1926) que o escotismo saiu dos discursos políticos patrióticos para se tornar um movimento doutrinário e educacional dos jovens, organizado e com o apoio oficial do estado. O regulamento do *Gymnasio mineiro*, de 30 de janeiro de 1926, previa:

Art. 170 – A cargo do professor de educação physica e sob a direcção do reitor, que organizará instrucções adequadas será instituida no Gymnasio a escola de escoteiros.

O *Gymnasio mineiro* dividia-se num externato com sede em Belo Horizonte e num internato em Barbacena. Em Belo Horizonte, foi criado em 30 de maio de 1926 o grupo escoteiro previsto no regulamento do *Gymnasio*, sob orientação do professor de educação física Antônio Pereira da Silva. Em 14 de julho do mesmo ano foi criada a Associação de Escoteiros do Gymnasio Mineiro¹³.

Em 25 de novembro de 1926 foi fundado, por iniciativa de chefe Pereira, o Grupo de Escoteiros Populares, independente do *Gymnasio mineiro*. Esses foram os dois primeiros grupos surgidos em Belo Horizonte nesta “nova era” de apoio estatal¹⁴.

Em setembro de 1926, Antônio Carlos Andrada assumiu a presidência do estado. Durante seu governo o escotismo se fortaleceu não apenas em Belo Horizonte, mas em toda Minas Gerais. A reforma educacional implementada por Francisco Campos, reconhecido teórico do pensa-

13 “Recordando”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 maio 1928.

14 Idem.

mento nacionalista brasileiro, enquanto secretário de Estado do Interior do governo de Andrada, foi o grande reconhecimento estatal da importância do escotismo para a formação das crianças e jovens.

A partir de 1927, o chefe Pereira, sempre acompanhado de escoteiros belorizontinos, iniciou viagens pelo interior do estado com o intuito de divulgar a doutrina de Baden-Powell. Em janeiro ele foi a Barbacena fundar o grupo de escoteiros daquela unidade do *Gymnasio mineiro*, como previsto no regulamento da instituição. Em maio, os escoteiros belorizontinos estiveram em Juiz de Fora onde já existiam grupos escoteiros. Em julho, novamente os escoteiros voltaram a Barbacena. A convite do doutor Amando Brasil de Araújo, presidente da Câmara Municipal, realizaram-se duas reuniões para a reorganização da Associação de Escoteiros de Barbacena. O discurso de chefe Pereira, publicado no *Jornal de Barbacena*, na ocasião, nos dá mostras do interesse do governo na fundação de grupos escoteiros:

É desejo do exmo. sr. dr. Antonio Carlos, intensificar o movimento escoteiro em nosso Estado e assim já foram fundadas em Juiz de Fora e Bello Horizonte associações escoteiras, que vão em franco progresso, mostrando grandes resultados. [...]

Já certa vez, por esforço e entusiasmo do nosso conterraneo, dr. Brasil de Araújo, foi aqui fundado um grupo de escoteiros, que, infelizmente, não logrou progresso por faltar o necessário apoio governamental.

Agora, porem, graças ao espirito lucido e pratico do nosso presidente e seus auxiliares; homens que encaram os grandes problemas nacionaes, bem comprehenderam a necessidade, na epocha, da introducção em nosso meio, de tão uteis ensinamentos.

Felizmente, o movimento cresce dia a dia e assim em breve teremos a alegria de ver uma nova geração de moços fortes, disciplinados e patriotas, graças aos ensinamentos do grande General Baden-Powell¹⁵.

15 “Associação dos Escoteiros de Barbacena”, *O Jornal de Barbacena*, Barbacena, 14 jul. 1927.

O jornal publicou ainda o texto de um telegrama enviado por Amando Brasil ao presidente Antonio Carlos: “com viva satisfação tenho a honra de comunicar a v. exc. haver-se fundado hoje, em reunião por mim convocada, presente professor Pereira da Silva, a Associação Barbacenense de Escoteiros, acudindo assim patriótico appello sua plataforma”. Note-se que Amando Brasil diz ter criado a associação de escoteiros de acordo com a *plataforma* do presidente Antônio Carlos.

A revista *Anaúê*, publicada em 1928, traz uma reportagem intitulada “O escoteirismo e o sr. presidente do estado”. Na matéria, relembra-se o apoio dado pela gestão de Antônio Carlos à doutrina de Baden-Powell. Ela traz também trechos de um discurso proferido por Antônio Carlos quando ainda candidato a presidência, em 23 de janeiro de 1926:

Pela instituição do escoteirismo tenho a mais decidida sympathia, convencido de que nela se encontra o complemento natural e a cooperação eficaz para a obra da escola primaria.

Tal sympathia e tal convicção derivam dos fins a que essa instituição se entrega e que são os de pugnar pela educação da mocidade, despertando-lhe, principalmente os sentimentos moraes e civicos, o espírito de iniciativa e de bondade, a abnegação e a alegria, ao mesmo tempo cuidando do seu aperfeiçoamento physico, dando aos moços conhecimentos directos da natureza, infundido-lhes ao character os predicados de intrepidez e disciplina, preparando-os, enfim, para a vida do trabalho intenso e para a exacta compreensão e pratica concetaneas aos deveres civicos¹⁶.

Esta simpatia declarada ao escotismo por Antônio Carlos ficou explícita quando foi eleito presidente. A reforma educacional implementada em seu governo valorizou o movimento, incentivando a criação de tropas escoteiras através da divulgação dos valores positivos do escotismo e do apoio institucional do Estado.

O ano de 1927 foi marcado por uma vasta campanha de incentivo a criação de grupos escoteiros em diversas cidades do interior de Minas e

16 *Anaúê*, Belo Horizonte, Associação Mineira de Escoteiros, n. 1, jul. 1928.

em todos os grupos escolares da capital, como veremos a seguir. Oficialmente, o apoio estatal surgiu a partir da aprovação do Regulamento do Ensino Primário proposto por Francisco Campos. Esse regulamento foi a base de uma ampla reforma no ensino primário no Estado. Com relação ao escotismo, ele previa a existência da Inspetoria de Educação Física subordinada a Inspetoria Geral da Instrução Pública, que era encarregada de auxiliar o governo na direção e administração do ensino primário. O regulamento dizia: “art. 94 – A Inspectoria da Educação Physica terá por fim: [...] h) incentivar e orientar a organização do escoteirismo nas escolas publicas, formando e preparando o necessario corpo de instructores”.

Este regulamento previa ainda, na parte VI, “Das instituições escolares e das instituições complementares da escola”, a criação de instituições escolares complementares da escola. O escotismo é declarado uma destas instituições:

Art. 207 – Será instituido entre os alumnos das escolas primarias, com character facultativo e como instrumento de educação physica, moral e cívica, o pequeno escoteirismo.

Parag. 1º – A instrucção será ministrada por instructores escoteiros, fóra dos dias de funccionamento escolar, de accordo com as instrucções organizadas pela Inspectoria de Educação Physica.

Parag. 2º – O director do estabelecimento, assim como o medico escolar, deve sempre ser ouvido sobre o horario, a duração e a natureza dos exercícios e scientificados dos alumnos que devem delles participar.

O programa do ensino primário, aprovado pelo decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1927, se refere ao escotismo da seguinte forma:

Será instituido, diz o art. 207, do regulamento, entre os alumnos das escolas primarias, com character facultativo e como instrumento de educação physica, moral e civica, o pequeno escoteirismo.

O escoteirismo é uma admiravel escola de educação, já consagrada nos mais importantes paizes do mundo pelos seus fructos grandiosos, alguns dos quaes se mostram vicejantes em nosso proprio paiz.

Bem fariam os professores em conhecer o manual de Baden-Powell, notável general inglês, que fundou o escoteirismo em 1908¹⁷.

Toda esta legislação demonstra o interesse do governo do presidente Antônio Carlos em difundir o escotismo no sistema público educacional. Esse apoio ao escotismo em Minas Gerais se insere num contexto de idéias nacionalistas que propunham uma educação cívico-patriótica e com aspectos militares. É interessante notar que em outros estados brasileiros, como no Rio de Janeiro, o escotismo se desenvolveu muito em função de um atrelamento a instituições militares. Mesmo em Minas Gerais temos o exemplo de Juiz de Fora que, talvez por contar com a maior presença de instituições militares, já possuía em 1927 vários grupos escoteiros em funcionamento. Mas, no estado como um todo, o escotismo só veio a se desenvolver a partir da reforma educacional de 1927.

Chefe Pereira teve importante participação no encaminhamento desta política. Ele foi encarregado de orientar a formação de grupos e de instrutores para atuar junto aos grupos escoteiros. Sua ação ocorreu em Belo Horizonte e no interior.

Para a realização dos objetivos do governo era necessário despender recursos para financiar viagens do chefe Pereira, juntamente com escoteiros da capital, ao interior, além da participação dos escoteiros mineiros em encontros fora do estado e até mesmo fora do país. Era necessário, também, a compra de equipamentos e investimento nas “tropas” escoteiras. Para “bancar” essas despesas, o governo de Antônio Carlos previu em seu primeiro ano de mandato uma verba destinada a subvenção do escotismo. Pela lei n. 1.003, de 21 de setembro de 1927, que fixou a despesa e orçou a receita para o exercício de 1928, foi garantido o *Auxílio ao escoteirismo* no valor de 100:000\$000 (cem contos de réis). Este valor, se comparado, por exemplo, ao destinado ao pagamento de todo pessoal empregado no ensino superior durante o ano 1928,

17 Minas Gerais, “Decreto n. 8.094, de 22 de dezembro de 1927: aprova os programmas do ensino primário”, em *Collecção das Leis e Decretos*, 1927, vol. III. Belo Horizonte, Imprensa Official do Estado, 1928.

119:000\$000 (cento e dezenove contos de reis), demonstra ser uma quantia razoável para gastos com o escotismo em um ano¹⁸.

A partir da legislação podemos notar como se deu o apoio institucional ao escotismo em Minas Gerais, principalmente durante o governo de Antônio Carlos. Esse incentivo, previsto na legislação, fortaleceu o movimento no estado. A partir de então fundaram-se diversos grupos e uma entidade representativa e organizacional do movimento, que o estruturou em “bases mais sólidas”, como veremos a seguir.

Em julho de 1927, a fusão do grupo Associação de Escoteiros do Gymnasio Mineiro ao Grupo de Escoteiros Populares deu origem a Associação Mineira de Escoteiros (AME)¹⁹. Dentre suas responsabilidades estava a formação de chefes escoteiros para atuarem junto aos grupos escolares e a manutenção do antigo grupo de escoteiros do *Gymnasio mineiro*. Ainda neste mesmo mês, em telegrama datado do dia 19, o conselho diretor da União dos Escoteiros do Brasil informou ao chefe Pereira sua nomeação para delegado da UEB em Minas Gerais, em virtude de sua “efficiente acção digna todo louvor pro escotismo mineiro”.

A criação da AME sob a direção de chefe Pereira e sua nomeação como representante da UEB em Minas indicam marcos importantes: a criação de uma entidade representativa do escotismo mineiro e sua inserção na estrutura de organização nacional do movimento.

Em Belo Horizonte foram criadas, no decorrer de 1927, “tropas” escoteiras em todos os grupos escolares. Um jornal de agosto noticia um bivaque²⁰ na “Caixa de Areia” (localizada na Serra do Curral), promovido pela AME, com a participação de 400 escoteiros²¹.

Surgiram grupos vinculados a outras escolas como Colégio Arnaldo, Escola Italiana Dante Alighieri, Escolas Reunidas Lucio dos Santos.

18 Minas Gerais, “lei n. 1.003, de 21 de setembro de 1927: fixa a despesa e orça a receita para o exercicio de 1928”, em *Collecção das leis e decretos*, 1927, vol. I. Belo Horizonte, Imprensa Official do Estado, 1928.

19 “Recordando”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 maio 1928.

20 “Bivaque” era o nome dado ao dia em que os escoteiros iam para o campo desenvolver atividades diversas.

21 “Escotismo”, *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 17 ago. 1927.

Foi criado também um grupo no *America Football Club*. A criação desses grupos, fora da tutela do estado, demonstra a simpatia da sociedade pelo movimento. Nas escolas estaduais, a princípio, somente os meninos participavam das atividades escoteiras. O sucesso do movimento levou a criação de grupos femininos, em julho de 1927.

Em 28 de agosto de 1927, foi realizada uma “imponente cerimônia cívica dos escoteiros” belorizontinos. Na praça da Liberdade – com a presença do presidente do estado, de todos os secretários de estado, do presidente da Câmara dos Deputados, do prefeito, de vários oficiais do exército e da força pública, senadores, deputados e jornalistas – foram entregues 30 estrelas numa cerimônia onde 76 noviços juraram a bandeira²², com a presença de 267 escoteiros. Este tipo de cerimônia foi comum durante o governo de Antônio Carlos e acontecia não só em Belo Horizonte, mas também no interior.

No interior foram várias as visitas realizadas por chefe Pereira e seus escoteiros a fim de fundar grupos. Nos anos de 1927 e 1928, além de Barbacena e Juiz de Fora, já citadas, chefe Pereira esteve em Oliveira e em Palmyra.

O primeiro aniversário do governo de Antônio Carlos foi marcado por grandes festividades. Nesse dia se reuniram em Belo Horizonte escoteiros de todo estado. Os acontecimentos foram amplamente divulgados não apenas pela imprensa mineira. O *Jornal do Brasil* noticiou o apoio do estado ao escotismo:

Os (grupos) escoteiros com que conta actualmente o Estado de Minas Geraes, foram na maioria, fundados e agrupados pelo governo, sendo que pelo mesmo já foram uniformizados e equipados 1.750 escoteiros, além de diversos outros auxílios prestados as tropas escoteiras²³.

22 A “estrela” era um distintivo entregue ao escoteiro de acordo com o tempo de militância no movimento. O juramento da bandeira ocorria quando os “noviços” eram aceitos no movimento, após cumprirem uma série de provas.

23 “Concentração em Bello Horizonte”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 set. 1927.

O *Jornal do Brasil* fala na presença de dois mil escoteiros durante as festividades, enquanto o *Correio da Manhã*²⁴ anuncia quatro mil. O fato é que estiveram presentes grupos de escoteiros de Barbacena, Montes Claros, Juiz de Fora, São João Del Rei e Curvelo, além dos belorizontinos. O evento marcou de forma acentuada a reafirmação de duas idéias, seja através dos discursos proferidos, seja através das publicações da imprensa: a lembrança de que o escotismo se desenvolveu em Minas através do apoio do governo estadual e a importância do escotismo para a formação das crianças e jovens.

Ainda durante as comemorações do primeiro aniversário do governo de Antônio Carlos, no dia 8, os escoteiros de Montes Claros fizeram uma visita ao presidente no Palácio da Liberdade, onde homenagearam-no. Atendendo a um pedido de Antônio Carlos, Afonso Pena Júnior, então presidente da UEB, proferiu um discurso em saudação aos escoteiros. O *Minas Geraes* publicou um resumo do discurso, ao que tudo indica, elaborado pelo próprio jornal:

Disse que não havia ainda um anno que, pela primeira vez, se fizera ouvir em Minas, pelo escoteirismo, a palavra de um grande chefe, e os resultados já eram aquelles que Bello Horizonte, há dois dias, vinha premiando com o mais quente aplauso e o mais ardente entusiasmo de seu civismo.

O presidente Antônio Carlos, o grande chefe a que se referia, fazendo o que tem feito, com exito pleno, pelo escoteirismo, deixou evidenciado que não pregara por essa cruzada de patriotismo, com palavra van, em busca de popularidade, mas como é do feitio do eminente estadista, com palavra convencida, com palavra nascida do coração e da sinceridade. [...]

O escoteirismo não é simples gymnastica não é mero esporte, nem é apenas educação militar. É a preparação do homem integral, pela completa fortaleza physica, civica e moral, de cujo esforço possa a patria esperar confiadamente. Saudando os escoteiros de Montes Claros, o voto que formulava era por que o entusiasmo daquelles jovens patricios se communicasse avassalador, como

24 “Primeiro aniversário do Governo Antonio Carlos”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 set. 1927.

a chamma de um incendio grandioso de civismo, ao espirito de toda a mocidade mineira, porque assim acontecendo, Minas terá um novo, poderoso, inestimavel elemento populsor do progresso e da grandeza da nossa terra²⁵.

As festividades funcionaram como um marco para o escotismo mineiro, pois foi a primeira grande concentração de escoteiros de todo o estado. Além disto, essa foi a oportunidade de divulgação para todo Brasil do progresso encontrado pelo movimento em Minas Gerais e de glorificação da atitude do governo de Andrada ao investir na escola badeniana.

O ano de 1928 foi marcado pela consolidação da política de investimento no escotismo em Minas Gerais. No decorrer do ano os grupos continuaram desenvolvendo atividades diversas, com grande entusiasmo.

Durante a última semana de abril de 1928 foi comemorada a Semana Escoteira. Em Belo Horizonte foram várias as festividades e daqui saiu, no dia 25, um grupo de 102 escoteiros para participar das comemorações no Rio de Janeiro. Os escoteiros mineiros ficaram acampados no Parque Fagundes Varela, em Niterói, durante alguns dias, juntamente com grupos cariocas²⁶. Essa foi a primeira participação dos escoteiros mineiros num evento fora do estado e serviu para divulgar nacionalmente a política adotada pelo governo de Antônio Carlos com relação ao movimento. No decorrer da semana escoteira carioca, chefe Pereira foi batizado com o codinome “Onça Pintada”. Simbolicamente, esse batismo, ocorrido entre os chefes cariocas, marca a entrada de chefe Pereira nesse grupo. Era no Rio de Janeiro que estava instalada a sede da UEB e o escotismo já era bastante consolidado no estado. Portanto, esse evento marca mais uma etapa da “evolução” do escotismo mineiro: a participação dos grupos mineiros no movimento em nível “nacional” e o reconhecimento por parte dos dirigentes da importância do novo momento vivido em Minas.

25 “Sete de Setembro”, *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 set. 1927.

26 “Escoteiros em Nitheroy”, *O Estado*, Niterói, 27 abr. 1928.

A visita dos escoteiros mineiros foi retribuída no mês de setembro; durante as comemorações do dia 7, vinte escoteiros do Rio de Janeiro e quarenta de Petrópolis estiveram em Belo Horizonte. Acompanhando os escoteiros cariocas estavam os chefes Jensen, Guilherme Azambuja e Gabriel Skinner, que eram figuras importantes do movimento escoteiro brasileiro à época. Numa cerimônia ocorrida no Parque Municipal, os chefes cariocas entregaram ao chefe Pereira o “distintivo máximo do escotismo”, a cruz suástica²⁷, concedido a pessoas que prestavam relevantes serviços ao movimento²⁸.

Ainda em 1928, a Associação Mineira de Escoteiros passa a se chamar Federação Mineira de Escoteiros (FME) por sugestão de Azambuja Neves, presidente da UEB²⁹. A FME passou a atuar como entidade de representação do escotismo mineiro junto a UEB.

A partir de 1929 podemos notar uma certa desmobilização das tropas escoteiras em Belo Horizonte. Já nos primeiros anos da década de 1930, não mais existiam os grupos de escoteiros vinculados aos grupos escolares. Esse processo de enfraquecimento do movimento foi gradual e acredito ter relação com dois fatores: o decréscimo do apoio dado pelo governo de Antônio Carlos Andrada e, em 1930, a ascensão de Olegário Maciel, que não previa em seu programa um incentivo tão grande ao escotismo como o dado por Andrada.

Apesar dessa “desmobilização” ocorrida a partir de 1929, o governo ainda dava provas de seu interesse pelo escotismo. Um grupo de 19 escoteiros de Minas Gerais foi, juntamente com outros 35 escoteiros brasileiros, participar do 3º Jamboree Mundial³⁰, na cidade de Birkenhead, Inglaterra, no mês de agosto. A delegação mineira foi para o encontro graças a uma subvenção de 90 contos de réis dada pelo governo mineiro.

O jornal do grupo *Guia Lopes*, de 1933, traz um pequeno artigo analisando o movimento em Minas:

27 Em minha monografia, já citada, fiz um estudo sobre os símbolos e ritos presentes na dinâmica do movimento escoteiro.

28 “Escoteirismo”, *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 11 set. 1928.

29 “Escoteirismo”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 out. 1928.

30 Jamboree é o encontro internacional de escoteiros. Ocorre até hoje, periodicamente.

O escotismo mineiro tem tido no decurso de 1928 para cá uma boa dose de infelicidade.

Passamos a explicar os motivos porque assim dizemos:

Há 6 anos, Pereira da Silva fez de mil jovens da nossa capital, mil batalhadores da grandiosa obra de Baden Powel.

Depois Pereira organiza a Federação Mineira de Escoteiros, a Federação Mineira de Escoteiros não apoiou o escotismo como deveria.

E com isso nosso escotismo, tão bem levantado por Pereira da Silva, caiu quase em franca decadência e sinão assim, porque essa mesma figura a quem o escotismo já devia a sua fundação e propagação em nossa terra ainda soube tira-lo dos escombros em que jazia³¹.

Nesse artigo passa-se a idéia de que a FME, órgão que possuía a função de estimular e coordenar o movimento escoteiro em Minas não o fazia de forma satisfatória. A figura do chefe Pereira é vista como de essencial importância para o movimento; ele, pessoalmente, teria sido o responsável por impedir que o movimento morresse.

É preciso compreender qual é a “infelicidade” do movimento escoteiro em Minas a partir de 1928, citada no jornal. A reforma educacional, implantada pelo governo de Antônio Carlos em 1927, dava grande importância ao escotismo, que passou a ser subvencionado e apoiado pelo estado. Num primeiro momento, em 1927 e 1928, houve a criação de diversos grupos que funcionavam “a todo vapor”. Já no ano de 1929 houve uma estabilização e o movimento deixou de crescer tanto, o que pode ter sido confundido com uma queda, já que o movimento vinha num processo de amplo crescimento, seja através da criação de grupos, seja através do desenvolvimento de atividades próprias do escotismo. Prova da força que o movimento mineiro ainda tinha em 1929 foi a participação no Jamboree na Inglaterra com o “patrocínio” estatal.

Em setembro de 1930, o governo de Antônio Carlos chega ao fim e com ele esta “era” de desenvolvimento e apoio ao escotismo. Não quero dizer que o escotismo em Minas sucumbiu a ponto de voltar a ser o que

31 “De ves em vês”, *O guia Lopes*, Belo Horizonte, 15 jan. 1933

era antes de 1926, pelo contrário, durante a gestão de Antônio Carlos o movimento se articulou em todo estado. Com o final da gestão, desapareceram diversos grupos escoteiros ligados aos grupos escolares. Mas, talvez para “compensar” o fim desses grupos, surgiram outros grupos independentes que não contavam com o apoio estatal. O impulso dado ao escotismo durante a presidência de Antônio Carlos foi essencial ao movimento, pois a partir daí a escola de Baden-Powell se tornou conhecida em Minas Gerais.

Após o fim do governo de Antônio Carlos, a ação desenvolvida pelos escoteiros durante os conflitos que levaram a ascensão de Getúlio Vargas demonstra que os escoteiros continuavam mobilizados. Em matéria no jornal *Estado de Minas*, intitulada “A acção efficaz dos escoteiros da Associação Guia Lopes”, noticia-se a mobilização dos escoteiros para ajudar as pessoas durante aqueles dias. “Há tres dias que esses bravos jovens prestam o seu concurso á assistência, em geral.[...] O chefe geral dos escoteiros, Pereira, está sempre no grupo escolar ‘Rio Branco’ a fim de dirigir mais outros serviços que se destinem a socorros de qualquer natureza e a qualquer pessoa”³². O jornal *A Tarde* assim se refere a participação dos escoteiros: “Sempre alertas, sempre garbosos, sempre altivos, os soldados da flôr de lys estão dando as melhores das suas energias para a victoria da causa que empolga e arrasta a nacionalidade – a causa da legalidade! Bravos, valentes escoteiros!”³³.

Um artigo do escoteiro Herbert Brant Aleixo, publicado no *Jornal do Brasil* em 1933, faz uma análise da situação do movimento em Minas a partir da década de 1930:

Há cerca de dois anos, o escotismo mineiro, talvez mesmo por influencia do periodo latente por que passava a instituição em todo o Brasil, sofreu grandemente, tanto em seu entusiasmo quanto em seu trabalho. A FME, a quem competia fazer viver e vibrar o escotismo no nosso meio, não dando cumprimento aos seus fins, pelo desinteresse da maioria dos seus elementos,

32 “A acção efficaz dos escoteiros da Associação ‘Guia Lopes’”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 out. 1930.

33 “Os escoteiros e a revolução”, *A Tarde*, Belo Horizonte, 24 out. 1930.

ainda mais aumentava a decadência por que passava o nosso escotismo.

Os grupos desapareceram como fruto do desinteresse da FME, e muito também pela falta de apoio material e mesmo moral do actual Governo Mineiro...

Só funcionavam os grupos Guia Lopes e o Barão de Macahubas quando Pereira da Silva ficou doente.

Aparece então o amor pela causa e o esforço dos que a compreendem e a admiram. Em Outubro do anno passado (1932), surge na capital uma Associação Escoteira (Associação Auxiliar do Escotismo). O seu programa, se bem que não seja completo não é mau. Há esforço e boa vontade. Há entre gente leiga na nossa causa, pessoal antigo³⁴.

Este artigo nos ajuda a entender algumas questões sobre a crise pela qual passou o escotismo mineiro a partir de 1930 e lança a idéia de que este momento se insere num contexto maior de dificuldades do escotismo nacional. Herbert reforça a idéia de que a FME se omitiu no apoio que deveria dar ao escotismo; além disso, ele afirma que grupos desapareceram “tambem pela falta de apoio material e mesmo moral do actual Governo Mineiro...”. Essa fala reforça minha afirmação de que com a saída de Antônio Carlos e a eleição de Olegário Maciel o escotismo perdeu prestígio dentro do governo e, conseqüentemente, as verbas e o “apoio moral” diminuiram³⁵.

No início de 1932, chefe Pereira foi para Barbacena fazer um tratamento médico e ficou afastado durante quase um ano. Nesse período, o grupo Guia Lopes e o da Escola Barão de Macahubas encerram suas atividades. Estes eram os dois únicos grupos remanescentes da década de 1920 que ainda atuavam. O Guia Lopes, que era o antigo grupo do *Gymnasio mineiro*, fundado ainda no governo de Mello Viana, chefiado por Pereira da Silva, reaparece no final de 1932 graças a mobilização de antigos escoteiros que mesmo sem a presença do antigo chefe retomam

34 “O Escotismo Mineiro, breve histórico”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 jan.1933.

35 Com o fim do governo de Antônio Carlos Andrada, houve um “retrocesso” na política educacional mineira. Várias ações e práticas inovadoras, implementadas por Andrada, foram suspensas após 1930. Sobre este assunto, ver o artigo de Ana Maria Casasanta Peixoto, “Triste retrato: a educação mineira no Estado Novo”.

as atividades do grupo. Sem dúvida, a doença de chefe Pereira, no início de 1932, foi um novo fator que levou à desmobilização ainda maior do escotismo mineiro.

Herbert aponta ainda uma terceira questão para explicar a situação do escotismo mineiro: “[...] há cerca de dous annos, o escotismo mineiro, talvez mesmo por influencia do periodo latente por que passava a instituição em todo o Brasil, soffreu grandemente, tanto em seu enthusiasmo quanto em seu trabalho”. De fato, no início da década de 1930, houve uma crise nacional do escotismo. Em novembro de 1932 foi organizado no Rio de Janeiro um grande “fogo do conselho” destinado a marcar o “reerguimento do escotismo patrio”³⁶.

Não se sabe ao certo que motivos levaram a esta crise do escotismo nacional mas, ao que tudo indica, está relacionada com o momento político conturbado pelo qual passou o país no ano de 1930 e a mudança do grupo político no controle do estado. O fato é que a crise nacional tem relação com a crise no estado de Minas. Esse é um tema para um trabalho mais amplo e que pretendo estudar durante a pesquisa de mestrado que estou cursando.

Neste artigo, procurei analisar a formação e disseminação do movimento escoteiro em Minas Gerais nos anos de 1926 a 1930. Pode-se concluir que o escotismo estava inserido num contexto republicano de renovação educacional, em que o civismo e a formação pré-militar faziam parte de programas de ensino primário. A defesa do escotismo não se restringiu aos programas educacionais, vários grupos e organizações políticas apoiaram o movimento. Ele esteve presente nos discursos políticos e recebeu o apoio institucional de diversas esferas governamentais. Em meu trabalho, detive-me no estudo do escotismo em Minas, mas também em São Paulo os ensinamentos de Baden-Powell fizeram “grande sucesso”; em 1921, uma Reforma da Instrução Pública decretou: “todos os alunos matriculados nas escolas públicas seriam considerados aspirantes a escoteiros” (Souza, 2000, p. 112).

36 “Extraordinaria concentração escoteira promovida pelo *Correio da Manhã* na explanada do Castelo”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1932.

No Brasil, os anos de 1910 e 1920 foram marcados por discursos sobre a necessidade de controle social e de construção de um sentimento nacional e de um povo (raça) forte, viril, patriota. A educação era tida como um espaço privilegiado para a busca destes objetivos; o escotismo foi uma das “instituições auxiliares educacionais” com este intuito.

Acredito que a grande difusão do movimento foi uma resposta social a um momento em que, através da educação, tentava-se reverter os males da degeneração física e moral causada pelas condições sociais da vida moderna. Neste sentido, o movimento possuía características da direita política; concordo com Zuquim e Cytrynowicz, “[...] embora de certa matriz identificada com o conservadorismo, o escotismo é peculiar em sua configuração ideológica, compartilhando, inclusive, valores e ideais [...] com movimentos de espectro socialista e comunista” (2002, p. 51).

Em todo o mundo, a doutrina, os valores e a ritualística do movimento escoteiro estavam ligados a um contexto de emergência do nacionalismo e da busca pela construção de identidade e formação das nações. Nesse contexto, o escotismo se encaixou “como uma luva” para a formação das crianças e adolescentes. A dinâmica do movimento procurava criar nos jovens o patriotismo e a coesão do grupo e, acima disso, o fortalecimento do sentimento de pertencimento à nação.

Referências Bibliográficas

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth (1986a). *Escotismo para rapazes*. Brasília: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil.

_____. (1986b). *Lições da escola da vida, auto-biografia de Baden-Powell*. Brasília: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil.

BLOWER, Bernard David (1994). *História do escotismo brasileiro: os primórdios do escotismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Cultural do Movimento Escoteiro.

BOULANGER, Antonio (2000). *O chapelão, histórias da vida de Baden-Powell*. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora.

CAMPOS, Francisco (1941). *Educação e cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de (1998). *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF.

FAUSTO, Boris (2001). *O Pensamento Nacionalista Autoritário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GUIBERNAU, Montserrat (1997). *Nacionalismos, o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

HOBBSBAWM, Eric J. (1988). “Bandeiras desfraldadas: nações e nacionalismo”. In: _____. *Era dos Impérios, 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, cap. 6, pp. 203-232.

_____. (1992). *Nações e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HORTA, José Silvério Baía (1994). *O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

LAMOUNIER, Bolivar (1977). “Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação”. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, t.3 vol. 2.

NAGLE, Jorge (1977). “Educação e sociedade na Primeira República”. In: FAUSTO, Boris (org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, t.3, vol. 2.

NAGY, Laszlo (1987). *250 milhões de escoteiros*. Porto Alegre: União dos Escoteiros do Brasil-Região do Rio Grande do Sul.

NASCIMENTO, Adalson de Oliveira (2002). *Sempre Alerta! O movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)*. 108 f. Monografia (Bacharelado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NETTE, Alfredo Luis (1989). “História do movimento escoteiro em Curitiba, de 1915 a 1920”. *Boletim do Departamento de História*, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, pp. 135-159, mar.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (2000). “Triste retrato: a educação mineira no Estado Novo”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de & PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (orgs.). *Lições de Minas: 70 anos da Secretaria da Educação*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (Lições de Minas, 7), pp. 85-103.

PEREIRA, Júnia Sales (1999). *A escultura da raça: juventude e eugenia no Estado Novo*. 239 f. Dissertação (Mestrado em Relações de Dominação na História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SCHWARTZMAN, Simon. et al. (2000). *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra; Fundação Getúlio Vargas.

SOUZA, Rosa Fátima (2000). “A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira”. *Caderno Cedes*, Campinas, n. 52, pp. 104-121, nov.

VEIGA, Cyntia Greive (2000). “Escola Nova: a invenção de tempos, espaços e sujeitos”. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de & PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (orgs.). *Lições de Minas: 70 anos da Secretaria da Educação*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais (Lições de Minas, 7), pp. 49-65.

VELHO LOBO [Benjamin Sodré] (1925). *Guia do Escoteiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Naval. Edição fac-similada.

WEBER, Eugen Joseph (1988). *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras.

ZUQUIM, Judith & CYTRYNOWICZ, Roney (2002). “Notas para uma história do escotismo no Brasil: a ‘psicologia escoteira’ e a teoria do caráter como pedagogia de civismo (1914-1937)”. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 35, pp. 43-58, jul.

Fontes Documentais

Revistas

A VIDA DE MINAS, Belo Horizonte, n. 24, set. 1916.

ANAÚÊ, Belo Horizonte: Associação Mineira de Escoteiros, n. 1, jul. 1928.

O ESCOTEIRO, Belo Horizonte: Associação Auxiliar do Escotismo, n.1, nov. 1932.

Legislação

Legislação Estadual de 1926 a 1930.

Legislação Federal de 1917 e 1928.

Documentos diversos

Coleção de documentos sobre o movimento escoteiro no período de 1926 a 1930 pertencente ao acervo do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

ABE [Associação Brasileira de Escoteiros] (1920). *Ementario do escoteiro, bosquejo de instrução theorica*, São Paulo.

BILAC, Olavo (1917). “O que é escotismo”. *Programma Festa de Escotismo*. 25 de janeiro de 1917. São Paulo.

ESTATUTOS E REGIMENTO INTERNO DA ASSOCIAÇÃO DE ESCOTEIROS CATHOLICOS DO BRAZIL. Rio de Janeiro, Brasil, 1921.